

# DA PALAVRA ALHEIA À PALAVRA AUTORAL NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Sílvio Nazareno de Sousa Gomes<sup>1</sup>  
Renilson José Menegassi<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo teórico-analítico sobre a constituição do estilo de linguagem no gênero discursivo Memórias Literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Visa compreender como a palavra alheia manifesta-se palavra autoral nessa modalidade de projeto enunciativo. O estudo apresenta como corpus o enunciado concreto *Rio afora, rio adentro... A vida segue*, vencedor da 6ª edição (2019). A discussão apoia-se na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e na perspectiva da análise linguística dialógica para a leitura de gêneros discursivos. Os resultados demonstram que o aluno-autor, ao colocar-se no lugar da moradora antiga da comunidade entrevistada, emprega palavras autorais irrepetíveis, que resgatam e caracterizam as memórias da infância, adolescência e vida adulta da contadora dos acontecimentos, em um intenso diálogo valorativo de respeito mútuo pelas vozes sociais de sua interlocutora, selecionadas de forma ímpar pela voz autoral para a concretização de seu projeto ideológico do dizer.

**Palavras-chave:** Palavra alheia; Palavra autoral; Memórias literárias; Olimpíada de Língua Portuguesa; Dialogismo.

## From other word to author's word in the gender literary memories

**Abstract:** This article presents a theoretical-analytical study on the constitution of the language style in the discursive genre Literary Memories of the Portuguese Language *Writing the Future*. It aims to understand how the another's word manifests itself as an authorial project word in this mode of enunciation. The study presents as a corpus the concrete utterance *Rio afora, rio adentro... A vida segue*, winner of the 6th edition (2019). The discussion is based on the Bakhtin Circle's dialogic theory and on the perspective of dialogic linguistic analysis for the reading of discursive genres. The results demonstrate that the student-author, when putting himself in the place of the former resident of the interviewed community, uses unrepeatable authorial words, which rescue and characterize as memories of the childhood, adolescence and adult life of the story teller of the events, in an intense value dialogue of mutual respect for the social voices of other interlocutor, uniquely selected by the authorial voice to implement the ideological project of saying.

**Keywords:** Another's word; Authorial word; Literary memories; Portuguese Language Olympics; Dialogism.

---

1 Secretaria de Estado de Educação do Amapá. E-mail: silviogomes11@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9900-2721>

2 Universidade Estadual de Maringá. E-mail: renilson@wnet.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao propormos neste artigo um estudo teórico-analítico sobre a constituição do estilo de linguagem no gênero Memórias Literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF), objetivamos compreender como a palavra alheia manifesta-se palavra autoral, na dimensão verbal da produção escrita *Rio afora, rio adentro... A vida segue*, vencedora da 6ª edição (2019) do concurso nacional. Nossa intenção ainda é colaborar com os estudos sobre a compreensão das manifestações da linguagem escrita a partir da perspectiva do dialogismo, no processo de produção de enunciados concretos escritos. Para isso, a investigação sedimenta-se na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010 [1920-1924]; BAKHTIN, 2011 [1926]; BAKHTIN, 2011 [1979]; BAKHTIN, 2016 [1979]; VOLÓCHINOV, 2018 [1929]; VOLÓCHINOV, 2019 [1926], na perspectiva da análise linguística dialógica para a leitura de gêneros discursivos (POLATO, 2017; POLATO; MENEGASSI, 2018; POLATO; MENEGASSI, 2020), e em pesquisadores que seguem a mesma vertente.

Nesse sentido, justificamos a importância da escolha do nosso objeto de estudo, por percebermos que, no contexto da OLPEF, essa modalidade de gênero é exemplar para nossa pretensão de análise, uma vez que, para ser produzido, o aluno-autor precisa, de imediato, apropriar-se das palavras alheias dos outros, presentes no discurso da moradora da comunidade entrevistada e mobilizá-las na produção escrita vencedora, com criatividade inusitada. Assim, para que esse diálogo entre ambos se efetivasse no material textual-discursivo e axiológico (BAKHTIN, 2016 [1979]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), tanto a narradora dos acontecimentos quanto o aluno-autor, de acordo com o contexto de produção do concurso, ativam palavras da língua/linguagem, a partir de

a) seu estado puro, desvinculadas, inicialmente, de qualquer julgamento de valor, para empregá-las como signos ideológicos nas Memórias Literárias produzidas;

b) sua neutralidade ideológica, a fim de adequá-las ao campo literário da atividade humana no qual o gênero discursivo se insere segundo a competição;

c) seu aspecto ideológico cotidiano, que traz a riqueza para a interação discursiva entre autor e interlocutor, eivadas de suas formas particulares de percepção do mundo, em diálogo intenso com as ideologias oficiais que os rodeiam;

d) sua capacidade de ser interior, ou melhor, para que se concretizem como signos ideológicos precisam formar-se no processo interacional do conteúdo interior do aluno-autor com o mundo externo objetivo, trazido por meio da entrevista feita com a moradora da comunidade;

e) sua função de signo ideológico, como palavras autorais, compreendidas e interpretadas, de início, pelo aluno-autor, na entrevista feita com a moradora do lugar onde vive, para que novas acentuações valorativas pudessem ser expostas por meio do uso de palavras/discursos únicas na produção escrita vencedora (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]).

Portanto, nosso intuito explicita o movimento feito pelo aluno-autor, ao concretizar o projeto ideológico do dizer na competição a partir dessas cinco características das palavras da língua/linguagem. Qualificações constitutivas dos conceitos dialógicos de palavra da língua neutra, de palavra alheia dos outros e de minha palavra (BAKHTIN, 2016 [1979], selecionados para a concretização das análises *em Rio afora, rio adentro... a vida segue*, visto que são concebidas em uma escala gradativa, associativa e indivisível, em que tais atributos dialogam simultaneamente em todo e qualquer discurso que se efetiva em um enunciado concreto, semelhante às Memórias Literárias na Olimpíada.

Neste artigo, fazemos, primeiramente, uma breve contextualização do nosso objeto do estudo no contexto da OLPEF. Em seguida, discorreremos sobre os conceitos de palavra sob o prisma do dialogismo do Círculo de Bakhtin, já vinculados à análise da manifestação da palavra autoral, signo ideológico, irrepetível na produção escrita vencedora.

## **O ENUNCIADO CONCRETO VENCEDOR RIO AFORA, RIO ADENTRO... A VIDA SEGUE NA OLPEF**

O projeto enunciativo (SOBRAL, 2009) vencedor, selecionado para o estudo, é resultado da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, concurso de abrangência nacional, que, de acordo com seus organizadores, tem como meta principal a concretização de uma abordagem de Língua Portuguesa na perspectiva dos gêneros, no contexto da escola básica. A competição apresenta como finalidade o desenvolvimento da prática leitora e escrita de discentes dos anos finais do Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM) das escolas básicas e públicas de todo o Brasil, além da capacitação dos professores de Língua Portuguesa, inscritos e até mesmo não inscritos na

competição. Para isso, o evento utiliza o dispositivo metodológico sequência didática (SD) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), adaptada à proposta da Olimpíada e inserida no Caderno do Professor de apoio para o trabalho com a produção escrita dos gêneros escolhidos pela coordenação da competição: a) Poetas da Escola: Poema - 5º ano do EF; b) Se bem me lembro...: Memórias Literárias - 6º e 7º anos do EF; c) A ocasião faz o escritor: Crônica - 8º e 9º anos do EF; d) Olhar em movimento: cenas de tantos lugares: Documentário - 1º e 2º anos do EM; e) Pontos de vista: Artigo de Opinião - 3º ano do EM (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2019).

Produção escrita, resultado não de um simples comando de redação tradicional, porém de um ponto de partida, que instigou o aluno-autor para o desafio de assumir o lugar da moradora antiga da comunidade entrevistada. Para isso, selecionou de forma ímpar os acontecimentos mais marcantes ocorridos com a senhora informante no passado para escrever o projeto ideológico do dizer no concurso, a partir das 17 Oficinas da SD do Caderno do Professor Se bem me lembro... (6ª edição), específico para o trabalho com o gênero discursivo Memórias Literárias no certame (CLARA, ALTENFELDER; ALMEIDA, 2019). Nesse contexto, a produção vencedora foi efetivada pelo aluno-autor de acordo com a adequação temática, no que diz respeito ao tema gerador da OLPEF: “O lugar onde vivo” (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2019, p. 155) e aos temas auxiliares: “Modos de viver do passado”, “Transformações físicas da comunidade”, “Origem da comunidade” e “Eventos marcantes”. O enunciado concreto efetivado está relacionado também às adequações discursiva e linguística. Orientações do concurso que estão previstas em “MEMÓRIAS LITERÁRIAS - Proposta de descritores” (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA, 2019, p. 110). A concretização do projeto ideológico do dizer dá-se de forma indivisível à forma composicional e ao estilo de linguagem (BAKHTIN, 2016 [1979]) axiológicos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) e retrata as fases da vida da narradora dos acontecimentos: a) a infância em uma comunidade ribeirinha no interior do Amazonas; b) a vida sofrida como empregada doméstica e babá em Manaus; c) a vida mais aprazível como empregada doméstica em Belém, onde também é vítima do machismo arraigado na sociedade belenense; d) o retorno na velhice ao seu lugar de origem, como explicitadas no corpus do estudo.

Rio afora, rio adentro... A vida segue

Aluno: Victor Augusto de Alencar Menezes

A vida é como um rio, um fluxo constante que, às vezes, não consegue parar.

Em alguns momentos da vida, o rio é largo e profundo; em outros, é estreito e raso. O importante é saber navegar: aproveitar os momentos felizes e lidar com os tristes.

Como disse, o rio não para. E seguindo o fluxo do rio da minha vida, agora estou de mudança (minha neta me ajuda com as caixas). Ao pegar uma velha sacola empoeirada, deparo-me com uma foto da minha infância, e isso me faz lembrar um passado feliz, em que a vida se resumia a tão somente brincar.

Na década de 1950, o interior da Amazônia era diferente: palafitas bem simples (casas de madeira construídas sobre estacas) e brincadeiras nos igarapés (riachos que nascem na mata e desaguam no rio), o que é difícil de ser encontrado hoje, até nas áreas ribeirinhas. Minha casa era pequena, coberta com uma lona e mais parecia um barracão. Não havia divisão entre os cômodos: meu quarto era na cozinha e ao mesmo tempo na sala. Ali perto, havia um rio de onde tirávamos o alimento e, também, que servia para nossa diversão. Ao redor, açaizeiros, sumaúmas e maçarandubas, árvores típicas da Amazônia.

Às vezes, eu saía com meu pai para caçar, pois tinha medo de ele ir e não voltar, o que acontecia com muitos caçadores. Enquanto isso, minha mãe plantava hortaliças para nosso consumo, o que não era garantia de comida na mesa, principalmente quando meu pai nada trazia da floresta. Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza que, aos 11 anos, me levou para longe.

Foi a primeira vez que conheci uma capital: ruas movimentadas, automóveis, casas grandes. Onde fui morar, havia até uma escada, e os cômodos eram muito bem divididos. Também foi quando o rio se estreitou até quase secar, pois não aconteceu o que eu esperava: a dona da casa - que disse minha mãe que me acolheria para eu estudar - obrigou-me a cuidar de uma

criança e realizar todas as tarefas domésticas.

O sofrimento fez as águas do rio ficarem represadas. Fiquei muito tempo naquela situação, impedida de conviver com o mundo.

Mas havia a esperança... E era o que me restava. Um dia, indo comprar pão, por sorte, encontrei uma colega de infância, a menina que retirou as pedras do meu rio, fazendo a água fluir novamente. Ela me falou da família de um policial que queria contratar alguém para ajudar na casa deles. Decidi aceitar o novo emprego e passei a ter uma vida mais aprazível.

Pude, então, ir ao cinema pela primeira vez... Ainda lembro os detalhes, a expectativa, a melhor roupa... Naquela época, ir ao cinema era um verdadeiro evento social: sessões sempre lotadas, filmes em preto e branco e, depois, a pipoca na praça.

Contudo, há períodos de sol e chuva tão peculiares da Região Amazônica ... Percebi que não podia nadar contra a maré, ainda que não houvesse decidido em qual porto ficaria, então resolvi acompanhar essa família quando se mudou para Belém, a cidade das mangueiras. Fomos morar em uma vila de casas, ambiente muito comum naquele tempo, normalmente formada por núcleos familiares. Para mim, foi um local novo, com pessoas, inicialmente, estranhas, mas que depois passaram a representar decepções e alegrias que eu nunca mais esqueceria.

Essa fase foi como o encontro do rio com o mar: fortes ventanias e águas agitadas. Ao mesmo tempo em que um rapaz disse que me amava, fez isso de tal modo que a família que me acolhera foi a mesma que me expulsou por pensar mal de mim, pois, uma vez, saímos e voltamos muito tarde. Isso era muito inapropriado para uma jovem e, naquela época, a sociedade belenense era muito conservadora e tradicional. Da mulher, era exigido “um bom comportamento”. Tivemos que nos casar e desse relacionamento vieram meus filhos, motivo de alegria e determinação para fazer o melhor por eles.

Rio que flui...Enche...Seca...O meu marido ficou em um determinado porto... Meus filhos seguiram outros afluentes... Tantos anos depois, veio o desejo de voltar para onde o rio era largo e tranquilo, o lugar da minha infância. Será que...

– Vovó, temos que ir!

– Sim, é claro. É o momento de tu saberes sobre o rio...

(Texto baseado na entrevista realizada com Rosa Lucas Franco, de 73 anos)

Professor Paulo Reinaldo Almeida Barbosa. Colégio Militar de Belém, Belém-PA

Assim, concebemos o enunciado vencedor produzido a partir da teoria do enunciado concreto (BAKHTIN (2016 [1979])), que postula que todo gênero discursivo é um ponto de vista ativo da palavra do homem. Sob essa perspectiva, as Memórias Literárias no evento não podem ser concebidas como um ato de linguagem isolado, excluído das relações interativas com o outro. Nesse sentido, todo e qualquer enunciado concreto produzido, com base nas relações dialógicas amplas, é sempre uma reação-resposta a outros enunciados (BAKHTIN, 2016 [1979]). O locutor recupera com frequência as vozes sociais do outro para completá-las, refutá-las ou até mesmo confirmá-las, como ocorre no projeto ideológico do dizer efetivado no contexto da OLPEF, já que o aluno-autor, ao fazer a entrevista com a contadora dos fatos, foi orientado a ouvir com muita atenção os acontecimentos do passado narrados. Assim, a partir dessa estratégia resgata as memórias da comunidade onde vive e sente-se pertencente a ela, um fator a destacar sobre a importância do trabalho com a linguagem escrita nesse contexto específico.

Não coube a refutação dos vieses ideológicos e valorativos trazidos pelas palavras como signos ideológicos de sua interlocutora. Na verdade, manifestam-se palavras sociais que dialogam com o aluno-autor na produção por meio de uma escrita memorialística que se efetiva em um processo ininterrupto, que é particular à corrente da interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]). Desse modo, o projeto enunciativo (SOBRAL, 2009) é constituído pelos elos anteriores - as falas com os julgamentos de valor da contadora dos fatos passados, manifestas como palavras alheias no texto das Memórias, e pelos elos posteriores - os dizeres do aluno-autor valorados e selecionados de maneira única, irrepetível, a partir dos acontecimentos trazidos ao presente por sua interlocutora, as manifestações de palavras autorais, próprias da autoria. Na realidade, é o refletir e o refratar imprescindíveis na concretização de cada novo

e singular enunciado concreto produzido na OLPEF. Um exercício de escrita necessário a ser compreendido, para se entender o processo de produção escrita no contexto delimitado, pelo viés do dialogismo.

## OS CONCEITOS DE PALAVRA

Conforme Bakhtin (2016, [1979]), as palavras da língua/linguagem não pertencem a um sujeito particular, porém, nós não as escutamos e lemos isoladas de um contexto de uso real, individual, ímpar e específico de interação discursiva. É somente por meio das posições avaliativas e particulares autorais em enunciados concretos produzidos que as palavras perdem suas expressões típicas, de significações isoladas em si mesmas, para serem exteriorizadas com um grau valorado mais ou menos nítido em relação a um determinado gênero discursivo. Assim, “[...] as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciados individuais alheios, mantendo em menor ou maior grau tons e ecos desses enunciados individuais” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 53). Nessa ótica, o teórico russo apresenta três conceitos de palavra:

[...] como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 53 - grifos do autor).

No que diz respeito ao primeiro conceito, quando apenas expressam os seus “[...] significados lexicográficos neutros [...]” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 53), as palavras são vazias de qualquer entonação valorativa autoral, isto é, não fazem parte de um enunciado concreto vinculadas às condições de produção do projeto enunciativo produzido, pois não estão inseridas em um diálogo ativo entre locutor ao interlocutor. Portanto, não dotadas de presumidos por não apresentarem significação ideológica. Dessa maneira, por não estarem em um contexto real de uso da língua, não suscitam uma resposta, não são escutadas, não são compreendidas e nem muito menos interpretadas pelo ouvinte/leitor, ou seja, não possuem uma direção dupla em relação ao tema, objeto do discurso. Dessa forma, as palavras neutras não pertencem a ninguém porque não mantêm “[...] o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado [...]” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 51), uma vez que, na perspectiva da interação discursiva é somente

[...] inoculada pelos gêneros do discurso no projeto discursivo do sujeito. O projeto discursivo refere-se ao esgotamento do objeto de sentido, ou seja, o que eu quero dizer deve ser dito, considerando-se os interlocutores e os contextos de circulação específicos. E as palavras, escolhidas para constituírem o projeto discursivo, possuem, em seu bojo, traços que permitem sua utilização, de acordo com determinado gênero, em uma determinada situação (STELLA, 2016, p. 181).

Em *Rio afora, rio adentro... A vida segue*, o aluno-autor resgata uma fala da senhora entrevistada explicitada no período: “[...] Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza, que, aos 11 anos, me levou para longe”. (Textos Finalistas, 2019, p.70). Nessa passagem, com o signo ideológico “fome”, presente no discurso de sua interlocutora e mobilizado na produção escrita, adequado a essa situação específica de interação, denuncia-se a fome, que assolava a criança moradora da localidade ribeirinha amazônica, na década de 1950. “Fome” aplacada somente pela atividade da caça do pai, o que efetivamente era a segurança de terem alimento no dia a dia a partir do plantio de hortaliças pela mãe.

Nesse sentido, no enunciado concreto, a palavra não possui mais um aspecto neutro, uma vez que a neutralidade significativa e valorada da palavra “fome” só existe como verbete de dicionário, antes de ser selecionada para o querer dizer do aluno-autor para a efetivação de projeto ideológico do dizer. “Fome” é definida em uma linguagem meramente metalinguística como um “Grande desejo de comer” (LUFT, 2004, p. 334). Definição abrangente que serve para a totalidade dos falantes da língua/linguagem em termos de informação, por isso é caracterizada por Bakhtin (2016 [1979]) como palavra neutra.

Porém, o signo ideológico “fome”, no enunciado analisado, é peculiar, singular, possui uma tonalidade avaliativa própria, significa a ânsia por comida de uma criança que morou no interior da Floresta Amazônica longe de tudo de que pudesse lhe dar um meio de sobrevivência melhor. Menina que viveu sem contato com outros tipos de alimentos, senão àqueles disponíveis naquele pedaço de chão da infância totalmente isolado do grande centro urbano. Nesse contexto, o signo ideológico “fome”, ao se relacionar com o signo ideológico “alimento”, representa a grande dificuldade de obtenção de comida naqueles idos. A criança, por ser uma moradora ribeirinha e viver embrenhada na

Floresta Amazônica, tinha, além da agricultura de subsistência e da caça, a pesca no rio e, provavelmente, o açaí, em época de colheita, os quatro únicos meios de suprir essa necessidade fisiológica do organismo, já que “Ali perto, havia um rio de onde tirávamos o alimento e, também, servia para nossa diversão. Ao redor, açaizeiros, samaúmas e maçarandubas, árvores típicas da Amazônia”. (Textos Finalistas, 2019, p.70). Notamos que há uma expansão de significado nos signos “fome” e “alimento”, a permitir a compreensão de que a primeira se manifesta como palavra alheia, como palavra dita pela narradora entrevistada, enquanto a segunda se aproxima da palavra autoral, numa relação dialógica marcada de domínio do discurso pelo aluno-autor. Assim, é possível inferir que ambas estão relacionadas ao mesmo significado, contudo, com ampliação de sentidos ao empregar a expressão “tirávamos o alimento”, como se dissesse “saciávamos a fome”.

Em relação ao segundo conceito, como palavra alheia dos outros (BAKHTIN, 2016 [1979]), preenchida por muitas entonações valorativas, está voltado quando a reação respondente do locutor é apenas reprodutiva e transmissível da voz dos interlocutores, sem que ocorra posicionamento crítico-reflexivo sobre os ecos ideológicos que constituem a significação das palavras como signos sociais. A atitude valorativa é assimilada sem nenhum tipo de embate, uma vez que o sujeito apreende os juízos de valor dos outros de forma integralmente passiva, já que se coloca em posição de aceite perante os discursos alheios sem questionamentos de refutação.

No enunciado vencedor, a simples replicação da palavra alheia não ocorre, porque o aluno-autor, ao se apropriar do discurso da senhora moradora da comunidade, não apenas transmite de forma alheia, sem dar um novo acento valorativo ao signo “fome”, porque sob a perspectiva dialógica qualquer elemento linguístico repetível, empregado em um novo contexto de uso é sempre ímpar (BAKHTIN, 2003 [1979]). Desse modo, os vieses ideológicos associativos do viver experiencial da entrevistada com o ponto de vista avaliativo do aluno-autor demonstram a representação do receio pela escassez desses alimentos: “[...] minha mãe plantava hortaliças para nosso consumo, o que não era garantia de comida na mesa, principalmente quando meu pai nada trazia da floresta.” (Textos Finalistas, 2019, p. 70), uma vez que o plantio materno nem sempre conseguiu alimentar a todos. Os peixes do rio também não são citados como alimentos que jamais faltavam à mesa, além do açaí, o líquido precioso que sacia a “fome” de muitas crianças amazônicas, mas que todo nortista sabe que é tomado somente em tempo de colheita: “Ao redor, açaizeiros, sumaúmas

e maçarandubas, árvores típicas da Amazônia”. (Textos Finalistas, 2019, p.70). Dessa maneira, a caça era o principal meio para não sofrerem a dor tão desesperadora da “fome”, e o pai, o grande responsável por saciá-los. Essa dependência do pai desencadeia até mesmo um sentimento de insegurança à narradora dos fatos, mobilizado no signo ideológico “medo”. Por isso, chega a acompanhar o genitor algumas vezes devido ao desaparecimento costumeiro dos caçadores na época, ao adentrarem à mata, e ela e a mãe ficassem desamparadas e desprovidas daquele que efetivamente propiciava o sustento à família: “Às vezes, eu saía com meu pai para caçar, pois tinha medo de ele ir e não voltar, o que acontecia com muitos caçadores”. (Textos Finalistas, 2019, p.70).

É no contato com as palavras alheias dos outros que surge o terceiro conceito de palavra, palavra matizada com o tom valorativo e particular do locutor, “[...] a minha palavra [...]” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 53), aqui entendida como palavra autoral pelo produtor do enunciado das Memórias. Assim, “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo [...]” (BAKHTIN, 2016 [1979], p. 54), que, ao assimilarmos, reelaborarmos e darmos um novo acento valorativo a elas, mobilizamos tais palavras reconfiguradas em um novo contexto de uso como irrepetíveis. A minha palavra concretiza-se, no instante em que o locutor, ao passar pelo processo de compreensão do discurso alheio, entra no embate com o internamente dialógico (com as palavras de sua consciência) com o externamente ideológico (com as palavras do outro) e, ao internalizar a palavra do outro, traz à tona à minha palavra (nova e única) como consequência desse conflito ideológico.

Sob essa ótica, ao referenciarmos novamente o excerto: “[...] Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza, que, aos 11 anos, me levou para longe”. (Textos Finalistas, 2019, p.70), percebemos que o signo ideológico “fome”, bebido nas vozes avaliativas do passado da senhora entrevistada, ganha um novo tom, já que o autor, com seu olhar particular, reavalia-o, ao entrelaçá-lo às palavras sociais “preocupação”, “calmo”, “forte” e “longe”. Com essa reconfiguração, a voz autoral demonstra que apesar da palavra cultural “fome”, interligada à “preocupação”, marcar no material textual-discursivo um receio tão grande por não ter uma diversidade de alimentos para comer no interior da Floresta Amazônica, além de apresentar-se aflita com a condição dos pais, descreveu sua infância como tranquila ao seu interlocutor. Fase da vida da

contadora dos fatos, enfatizada de forma irrepetível por via eixo metafórico da língua/linguagem, “[...] o rio da minha vida seguia calmo [...]” (Textos Finalistas, 2019, p. 70). Assim, a moradora antiga, ao explicitar em sua fala ao locutor a nova fase de muito sofrimento em Manaus, o autor, singularmente, representa essa etapa difícil de ser vivida dignamente na capital do Amazonas, com a confluência dos signos ideológicos “fome”, “forte” e “longe”, também em linguagem metafórica, “[...] até surgir uma forte correnteza, que, aos 11 anos, me levou para longe.” (Textos Finalistas, 2019, p. 70.). Dessa maneira, a menina de 11 anos, que passava “fome”, mas que tinha a presença dos pais próximos a ela, sofre muito na casa da senhora que a leva para longe de seu lar, com a promessa de dias melhores e a escraviza como empregada doméstica e babá, sem ter direito ao menos aos estudos, visto que

Foi a primeira vez que conheci uma capital; ruas movimentadas, automóveis, casas grandes. Onde fui morar, havia até uma escada, e os cômodos eram muito bem divididos. Também foi quando o rio se estreitou até quase secar, pois não aconteceu o que eu esperava: a dona da casa – que disse minha mãe que me acolheria para estudar – obrigou-me a cuidar de uma criança e realizar todas as tarefas domésticas. (Textos Finalistas, 2019, p.70).

Sob esse prisma, as palavras como signos ideológicos dialogam umas com as outras em relação de alternância, completude, reciprocamente, ou no polo da oposição, mas ainda de acordo com os pressupostos da interação discursiva como pergunta e resposta. Assim, “Nessa concepção, dialogar envolve tensão, porque todo sentido é uma valoração e esta não é algo comum a todos em princípio, nascendo das distintas relações sociais entre sujeitos” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, 142). Todavia, não podemos considerar a minha palavra como original e inédita, pois, de acordo com a interação discursiva, todo e qualquer locutor é respondente com maior ou menor propriedade a discursos outros, mas jamais como o primeiro sujeito que diz, mesmo que as minhas palavras sejam marcadas com tonalidades ideológicas singulares. Sob esse viés, o autor da produção escrita, ao tomar conhecimento da nova fase extremamente conturbada da vida de sua informante, em que não usufrui de uma vida melhor em Manaus, já que foi escravizada na infância em uma casa de família, além de perceber nas vozes sociais da entrevistada a normalidade do trabalho infantil naquela época, resgata do entorno social o signo ideológico “obrigação” e o completa com um novo tom valorativo. Nesse sentido, “obrigação” representa o não convite, ou até mesmo uma solicitação da dona da casa à menina, para que

pudesse auxiliá-la na execução de tarefas domésticas mais leves no tempo em que estivesse livre da escola e das brincadeiras infantis. Assim, o autor, a partir do discurso da moradora da comunidade, por meio do signo ideológico “obrigou-me”, em “[...] a dona da casa – que disse minha mãe que me acolheria para estudar – obrigou-me a cuidar de uma criança e realizar todas as tarefas domésticas.” (Textos Finalistas, 2019 p. 70), com uma acentuação ideológica particular, em comunhão com sua interlocutora, denuncia a imposição sofrida a uma criança de 11 anos, que, longe dos pais, não tinha voz e nem atitude para defender-se e evadir-se da situação de muito fardo pela qual se tornou responsável durante muito tempo. Nesse sentido,

[...] são palavras de outras pessoas [...]. Depois, essas *‘palavras alheias’* são reelaboradas dialogicamente em *‘minhas-alheias palavras’* com o auxílio de outras *‘palavras-alheias’* (não ouvidas anteriormente) e em seguida [nas] *minhas palavras* (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 402 – grifos nossos).

Nesse contexto dialógico, se nos constituirmos como sujeitos sócio-histórico-ideológicos e culturais no desenvolvimento da relação direta no confronto das palavras próprias com as palavras alheias dos outros, tal formação se sedimenta nos diferentes signos ideológicos que formam os discursos. Signos ideológicos que dão cor valorativa às interações discursivas, envoltas em uma intensa e complexa reciprocidade com as palavras alheias dos outros, presentes nos mais diversificados campos ideológicos das atividades do homem em sociedade. Signos ideológicos que se desenvolvem como elos na corrente móvel das relações dialógicas, as quais não são concebidas isoladas e nem muito menos fragmentadas, mas inter-relacionadas às diferentes visões e pontos de vista em uma escala de valores. Dessa maneira, os enunciados concretos, produzidos em condições de produção específica, nos quais as palavras como signos ideológicos ganham cor valorativa, estão sempre inter-relacionados a elos anteriores, dos interlocutores, refletidos e refratados pelos locutores, como elos posteriores, como se percebe nas análises aqui pontuadas.

Sob esse prisma, ao referenciarmos novamente o signo ideológico “fome”, relacionado à necessidade diária que todo ser humano tem de alimentar-se, e que, por consequência disso, a mãe da menina de 11 anos, ao almejar melhores condições de vida à filha na cidade grande, peculiaridade recorrente às comunidades ribeirinhas amazônicas, entrega-a à senhora que tornará a infância

da criança em uma etapa muito difícil. Fase marcada no material textual-discursivo das Memórias Literárias pelos signos ideológicos “sofrimento”, “represadas”, “muito tempo” e “impedida”, visto que “O sofrimento fez as águas do rio ficarem represadas. Fiquei muito tempo naquela situação, impedida de conviver com o mundo” (Textos Finalistas, 2019, p.70-71). Assim, para representar essa etapa tão trabalhosa da vida da entrevistada, o autor, além de considerar as vozes sociais da senhora, colhe, nas palavras alheias já postas em sociedade, o sentido de grandes barreiras a serem transpostas na vida, como, por exemplo, no signo ideológico “pedra”, bebido nos elos anteriores presentes em nosso entorno social, representativa de obstáculos a serem superados. Ou seja, a “pedra” concebida como entrave com o qual os homens se deparam no decorrer da vida e que estanca o seu fluxo cotidiano normal. Desse modo, a voz autoral reflete sobre esse ponto de vista valorado e já pré-existente, como ilustrado nos versos do poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra/ Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas/Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra. (DRUMMOND, 1980, p. 12).

Nesse sentido, após essa primeira reflexão valorativa sobre a palavra/discurso “pedra”, o autor a transforma, segundo o ponto de vista dialógico, em suas palavras alheias, com ajuda de outras palavras alheias não escutadas por ocasião da conversa com sua interlocutora e refrata-a de forma ímpar e única como sua palavra de caráter particularmente criador e autoral (BAKHTIN, 2011 [1979]). Esse ponto de vista ativo concretiza-se após a voz autoral tomar conhecimento dessa fase da vida da moradora, ao obter informações de que foi vítima do trabalho infantil quando tinha apenas 11 anos no excerto:

Mas havia a esperança... E era o que me restava. Um dia, indo comprar pão, por sorte, encontrei uma colega de infância, a menina que retirou as pedras do meu rio, fazendo a água fluir novamente. Ela me falou da família de um policial que queria contratar alguém para ajudar na casa deles. Decidi aceitar o novo emprego e passei a ter uma vida mais aprazível. (Textos Finalistas, 2019, p.71).

A partir disso, passa a saber sobre a tarefa muito dolorosa atribuída injustamente a ela. O que resultou no roubo de sua infância em Manaus, uma vez que foi cerceada das brincadeiras infantis, além do impedimento de ir à escola. Impossibilidades provenientes do pesado fardo do trabalho doméstico na casa da senhora que a retirou do contexto de pobreza da comunidade ribeirinha em que morava, mas feliz por viver perto dos pais, além de sentir-se segura pela convivência diária com eles. O enunciado concreto expõe, dessa maneira, um novo refratar valorativo a partir da palavra cultural “pedra” mobilizada pelo escritor modernista e demonstra uma nova acentuação ideológica a esse recurso da língua social, pois “a pedra”, apesar de ser uma metáfora, semelhante ao poema de Drummond, porém não mais “no meio do caminho” (DRUMMOND, 1980, p. 12), mas no meio do rio da vida. Uma adversidade tão pesada ocorrida à menina nortista, que precisou da ajuda de outra pessoa para que o fluxo da vida dela voltasse ao seu curso normal, “[...] a menina que retirou as pedras do meu rio, fazendo a água fluir novamente”. (Textos Finalistas, 2019, p. 71). Exploração do trabalho infantil que represou a água da vida da interlocutora naqueles idos tão difíceis na capital do Amazonas.

Dessa maneira, de acordo com o dialogismo do Círculo de Bakhtin, tomamos como norteamento sempre o horizonte social em que locutor e interlocutor estão inseridos como sujeitos sócio-histórico-ideológicos, uma vez que “*A palavra é sempre orientada para o interlocutor [...]*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205 – grifos do autor). Desse modo, o autor, ao fazer a entrevista, foi orientado por meio do ponto de partida da OLPEF para que efetivasse a produção escrita no concurso, a ouvir com muita atenção os acontecimentos do passado contados pela informante, a fim de sentir-se pertencente ao lugar onde mora, e escolher, segundo a sua ótica, de forma singular, com muito respeito, os mais importantes fatos trazidos ao tempo atual por sua interlocutora.

Nesse sentido, as condições de produção do evento exigem uma primeira orientação das palavras, signos ideológicos, ao entrevistador, por meio da fala da autora dos acontecimentos vividos. Posteriormente, ocorre um segundo norteamento por meio da escolha dos signos ideológicos irrepitíveis pela autoria, ao colocar-se no lugar da contadora dos fatos. Palavras ideológicas destinadas, inicialmente, à professora de Língua Portuguesa coprodutora do projeto enunciativo, em seguida, aos membros das Comissões Julgadoras

Estadual, Municipal, Estadual, Regional e Nacional do concurso. Palavras sociais que dialogam com a autoria na produção a partir de uma escrita memorialística que se efetiva em um processo ininterrupto, que é particular à corrente da interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]) em função também de outros possíveis interlocutores/ouvintes/leitores. Nesse aspecto dialógico, o aluno- autor, ao se deparar com as vozes sociais da senhora, dialoga com os obstáculos trazidos na fala de sua interlocutora, eivados de julgamento de valor, por mostrar-se não satisfeita com tudo aquilo que passou na infância e refrata essa fase ruim da existência da menina no material textual discursivo e axiológico (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). Para assim evidenciar esse momento, compara a vida da informante a um “rio” no seguimento:

A vida é como um rio, um fluxo constante que, às vezes, não consegue parar. Em alguns momentos da vida, o rio é largo e profundo; em outros, é estreito e raso. O importante é saber navegar: aproveitar os momentos felizes e lidar com os tristes. (Textos Finalistas, 2019, p. 70).

Nessa perspectiva, o primeiro contexto de uso do signo ideológico “rio” processa-se em torno de uma comparação que representa a linha da vida que segue normalmente, sem que tenhamos controle sobre ela: “A vida é como um rio, um fluxo constante que, às vezes, não consegue parar.” (Textos Finalistas, 2019, p. 70). Já, a segunda utilização da palavra ideológica, assim como a terceira mobilização, representa os momentos muito ruins e bons da existência, “Em alguns momentos da vida, o rio é largo e profundo; em outros, é estreito e raso.” (Textos Finalistas, 2019, p.70), mas que podemos alterá-los, ao enfrentarmos as intempéries que nos chegam. Para isso, devemos ter resiliência para lidar com cada uma delas, a fim de tirarmos proveito do que a vida pode nos oferecer, “O importante é saber navegar: aproveitar os momentos felizes e lidar com os tristes.” (Textos Finalistas, 2019, p.70).

Essa tomada de posição do aluno- autor apresenta um confronto, um embate com outras vozes sociais que negam a luta perante as adversidades, por mais difíceis que sejam, as quais a vida impõe, que muitas vezes resultam em desistências imediatas dos homens em sociedade a fim de que concretizem as conquistas pretendidas, já que o “Signo é uma balança onde peso o mundo, atribuo valor, defino, valoro [...]” (MIOTELLO, 2011, p. 10). Portanto, as três mobilizações do signo ideológico “rio”, no excerto, não foram escolhidas isoladas de um contexto específico de uso da língua/linguagem, mas, sim, na

relação interacional que norteia todo o processo dialógico amplo entre locutor e interlocutor segundo os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, no contexto da Olimpíada.

Nesse sentido, o processo da interação discursiva entre locutor e interlocutor está relacionado intimamente à consciência linguística socio-verbal dos falantes, que se desenvolve ininterruptamente na corrente dialógica nas mais diversas situações de comunicação social de diferentes possibilidades de utilização da língua/linguagem. O interlocutor, desse modo, no dialogismo, constitui o processo discursivo, uma vez que se projeta real na interação específica com o locutor.

Assim, sob o dialogismo do Círculo de Bakhtin, as minhas palavras são sempre uma atitude respondente às palavras alheias dos outros e até de nós mesmos, uma vez que não temos nenhuma justificativa para nos portar com indiferença a outros discursos produzidos em nosso entorno social, visto que somos sujeitos essencialmente responsáveis por aquilo que escutamos e dizemos. Sob esse prisma, no fragmento: “Na década de 1950, o interior da Amazônia era diferente [...]” (Textos Finalistas, 2019 p.70), o signo ideológico “diferente” carrega as nuances expressivas de um tempo da infância que não mais existe em relação aos aspectos culturais e naturais, típicos da Amazônia, da década de 1950, devido às mudanças trazidas pelo progresso à comunidade de origem da moradora. O signo ideológico “simples” “[...] palafitas bem simples (casas de madeira construídas sobre estacas) e brincadeiras nos igarapés (riachos que nascem na mata e desaguam no rio [...])” (Textos Finalistas, 2019, p.70), também marca no material textual-discursivo o valor sentimental sobre a casa humilde de madeira, feitas sobre estacas, da moradora ribeirinha, que a abrigou do sol e da chuva quando criança. Assim, o signo cultural “difícil”, “[...] o que é difícil de ser encontrado hoje, nas áreas ribeirinhas.” (Textos Finalistas, 2019, p.70), abarca a avaliação crítica, selecionada pelo autor, bebida durante o contato com sua interlocutora, que denuncia, por mais que seja indiretamente, o desaparecimento de um aspecto cultural importante das comunidades que se embrenham em plena Floresta Amazônica, assim como dos rios, córregos e igarapés, muitas vezes como consequência do desmatamento, de barragens irregulares, construção de estradas e a existência de garimpos que colaboram para a escassez de água na região.

Essas atribuições avaliativas aos três signos ideológicos somente foram possíveis porque o enunciado concreto é consequência de uma ação discursiva,

uma vez que a voz autora reflete e refrata os valores da comunidade à qual pertence. Por isso, posiciona-se no gênero memorialístico com compreensão responsiva ativa ímpar (BAKHTIN, 2010 [1920-1924]; BAKHTIN, 2016 [1979]), uma vez que conta, no tempo presente, fatos marcantes passados colhidos com a moradora antiga da comunidade entrevistada, ao colocar-se no lugar da informante, sem desprezar, apesar de jovem, a sua maneira única de avaliar os acontecimentos importantes e experienciais vividos outrora por sua interlocutora. Assim, não se anula como sujeito singular, cujas entonações valorativas peculiares estão presentes nas três palavras explícitas, signos ideológicos, no material textual-discursivo axiológico do projeto enunciativo produzido. O locutor, desse modo, no dialogismo, constitui o processo discursivo, uma vez que se projeta real na interação específica com o interlocutor. Dessa forma, necessitamos interagir como sujeitos ativos, com base na nossa compreensão e interpretação crítica sobre um tema, que dialoga ideologicamente com as vivências experienciais dos homens em sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos novamente menção ao tema selecionado para esta investigação, um estudo teórico-analítico sobre a constituição do estilo de linguagem no gênero Memórias Literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, de forma específica no enunciado concreto *Rio afora, rio adentro. A vida segue...*, sintetizamos as principais características dos três conceitos de palavras na perspectiva do dialogismo (BAKHTIN, 2016 [1979]). Em seguida, explicitamos de que maneira se efetivam na produção escrita, vencedora da 6ª edição (2019) da competição. Assim, em relação

a) à palavra neutra: é meramente lexicográfica; vazias de posições valorativas; não pertencente a enunciados concretos, segundo condições de produção específicas de interação discursiva; não concretizadas em um diálogo amplo e ativo entre locutor e interlocutor; isenta de significação presumida por não apresentar tonalidade ideológicas; não instiga resposta; não é escutada, compreendida e interpretada porque está isolada de um contexto de uso concreto particular; não apresenta um direcionamento dual no que diz respeito ao tema, objeto do discurso; não são direcionadas socialmente a ninguém, visto que não há o contato da linguagem/língua com a realidade, que apenas se dá em enunciados concretos ímpares.

Em *Rio afora, rio adentro. A vida segue...*, as palavras da língua/linguagem, por serem adequadas às condições de interação específica da OLPEF, não apresentam neutralização valorativa. O que pode ser exemplificado com o signo ideológico “fome”, em uso no excerto “Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza, que, aos 11 anos, me levou para longe.” (Textos Finalistas, 2019, p. 70), já que seu teor lexicográfico isolado só existe como verbete de dicionário, ou seja, antes de ser selecionado na cadeia significativa interna da língua para o agir do autor, inter-relacionada à sua finalidade enunciativa. Assim, o signo ideológico “fome”, nesse contexto de uso, apresenta um caráter peculiar, singular, a possuir uma tonalidade valorada própria do autor, cuja significação ímpar dialoga com o discurso da senhora da comunidade entrevistada e expressa a ansiedade e a grande preocupação de uma menina de apenas 11 anos pela falta de mais tipos de comida, como moradora do interior da Floresta Amazônica. A criança que vivia distante dos grandes centros urbanos e tinha disponível apenas como alimentos os peixes, as hortaliças cultivadas pela mãe, o açaí em época de colheita e a atividade de caça do pai, a principal fonte de comida à mesa, já que

[...] minha mãe plantava hortaliças para nosso consumo, o que não era garantia de comida na mesa, principalmente quando meu pai nada trazia da floresta”, como também “Ali perto, havia um rio de onde tirávamos o alimento e, também, servia para nossa diversão. Ao redor, açaizeiros, samaúmas e maçarandubas, árvores típicas da Amazônia.; (Textos Finalistas, 2019, p.70).

b) à palavra alheia dos outros: é constituída por diversas entonações de valor alheias; apresenta a reação-resposta como reprodutiva/transmissiva dos valores presentes na vozes sociais de seus interlocutores; não expõe uma atitude responsiva crítico-reflexiva sobre os julgamentos de valor dos outros pelo locutor; explicita a tomada de posição valorada do interlocutor de aceite pelo locutor sem nenhum questionamento ou complementação; mostra um locutor totalmente passivo perante os discursos alheios.

Em *Rio afora. Rio adentro. A vida segue...*, a banal replicação da palavra alheia dos outros não acontece porque o autor, ao dialogar ativamente com o discurso da moradora da comunidade, não apenas transmite os valores existentes alheios dados pela contadora dos fatos. Nesse sentido, por ocasião da entrevista, ao saber que, na infância, sua interlocutora já tinha duas grandes

preocupações – a fome e a condição em que ela e os genitores se encontravam, mas que apesar de tudo tinha uma vida aprazível por viver ao lado dos pais, antes de ser arrancada do convívio familiar para sentir na pele as agruras do trabalho doméstico infantil, emprega um novo tom valorado aos signos ideológicos “calmo”, “o rio da minha vida seguia calmo” (Textos Finalistas, 2019, p.70) e “longe”, “me levou para longe” (Textos Finalistas, 2019, p.70) no trecho: “[...] Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza, que, aos 11 anos, me levou para longe” (Textos Finalistas, 2019, p.70). Signos sociais ressignificados sob o olhar autoral único, ao comungar as vozes sociais da senhora e marcar no material discursivo com a palavra “calmo” a importância de a criança se sentir protegida e feliz próximo aos pais, mesmo que passem momentos difíceis na vida. Da mesma forma, com o signo ideológico “longe” a evidenciar o sentido do sofrimento pela separação repentina do seio familiar e inserida em novo lar, sem infância, por assumir a responsabilidade do trabalho doméstico em uma casa de família em Manaus demonstrado pelo aluno-autor no parágrafo:

Foi a primeira vez que conheci uma capital; ruas movimentadas, automóveis, casas grandes. Onde fui morar, havia até uma escada, e os cômodos eram muito bem divididos. Também foi quando o rio se estreitou até quase secar, pois não aconteceu o que eu esperava: a dona da casa – que disse minha mãe que me acolheria para estudar – obrigou-me a cuidar de uma criança e realizar todas as tarefas domésticas.” (Textos Finalistas, 2019, p.70).

c) à minha palavra: nasce no contato com as palavras alheias dos outros; é matizada com tons valorativos e singular do locutor; é concretizada a partir da assimilação de discursos outros e reelaborados com uma tonalidade valorativa ímpar; é mobilizada e reconfigurada em um novo contexto de uso irrepitível por meio de um enunciado concreto; é concretizada com base na compreensão responsiva de discursos alheios, com base na interação ininterrupta entre o internamente dialógico – constituído pelas palavras da consciência – e o externamente dialógico – constituído por discursos dos interlocutores já postos em sociedade.

Em *Rio afóra, rio adentro. A vida segue...*, a minha palavra, ou seja, a palavra autoral é o que realmente se efetiva, visto que todos os signos

ideológicos mobilizados dialogam ativamente com as vozes sociais e avaliativas constitutivas do discurso da senhora entrevistada e são empregados no enunciado concreto com entonações expressivas ímpares. O autor, por meio de suas palavras únicas, dialoga ativamente com as palavras de sua interlocutora e completa-as com novos tons avaliativos. Para isso, o autor não desdiz as falas apresentadas por sua informante, mas age discursivamente com uma atitude de valor e respeito pelos acontecimentos vividos no passado por ela. Dessa forma, para explicitar a mudança brusca e de muito sofrimento da vida da moradora da comunidade ribeirinha, ainda quando criança, manifesta-se por meio do signo ideológico “pedra”, “retirou as pedras do meu rio” (Textos Finalistas, 2019, p. 71) na passagem:

Mas havia a esperança... E era o que me restava. Um dia, indo comprar pão, por sorte, encontrei uma colega de infância, a menina que retirou as pedras do meu rio, fazendo a água fluir novamente. Ela me falou da família de um policial que queria contratar alguém para ajudar na casa deles. Decidi aceitar o novo emprego e passei a ter uma vida mais aprazível. (Textos Finalistas, 2019, p.71).

Assim, depois de refletir sobre essa adversidade ocorrida na vida de sua informante, resgata do entorno social o signo cultural “pedra” para refratá-la no enunciado concreto com uma carga valorativa ímpar, de um resgate muito difícil de ser transposto sem o auxílio de alguém. Portanto, segundo Bakhtin (2011, p.7), “[...] a palavra, mesmo na sua unidade de base, a enunciação, a célula viva do falar, tem sempre a ver com a palavra outra, porque é escuta e se realiza na escuta, responde e pede uma resposta”, o que se percebe constantemente no enunciado concreto aqui analisado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. No meio do caminho. In: ANDRADE, C. D. de. Em Reunião. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 12.

BAKHTIN, M. M. Para uma filosofia do ato responsável. 2. ed. Tradução: Valdemir Miotello, Carlos Roberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-1924].

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, M. M. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação: a palavra na vida e na poesia - introdução ao problema da poética sociológica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011 [1926].

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

CLARA, R. A.; ALTENFELDER, A. H.; ALMEIDA, N. Se bem me lembro... Caderno do Professor: Orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2019, (Coleção Olimpíada).

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução: Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FREITAS, A. F. R. de. Palavra: signo ideológico. Maceió: EDUFAL, 1999.

LUFT, C. P. Minidicionário Luft. 13. ed. Editora: Ática, São Paulo: 2004, p. 334.

MEDVIÉDEV, P. N. Os elementos da construção artística. In: MEDVIÉDEV, P. N. O método formal dos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016 [1928], p. 193-206.

MIOTELLO, V. O diferente sou eu para o outro - Teses sobre a Alteridade rascunhadas à sombra e à luz de Bakhtin. In: MIOTELLO, V. (org.). O diferente instaura o diferente: compreendendo as relações dialógicas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 7-11.

POLATO, A. D. M. Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In: BARROS, E. M. D.; STRIQUER,

M. S. D.; STORTO, L. J. (org.). Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa. Campinas: Pontes Editora, 2018. v. 1, p. 43-69.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 1-41, 2020.

SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Elementos sobre a proposta de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (org.). Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 141-162.

VOLOCHÍNOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

93

*Recebido em 27 de dezembro de 2021*

*Aprovado em 11 de agosto de 2022*